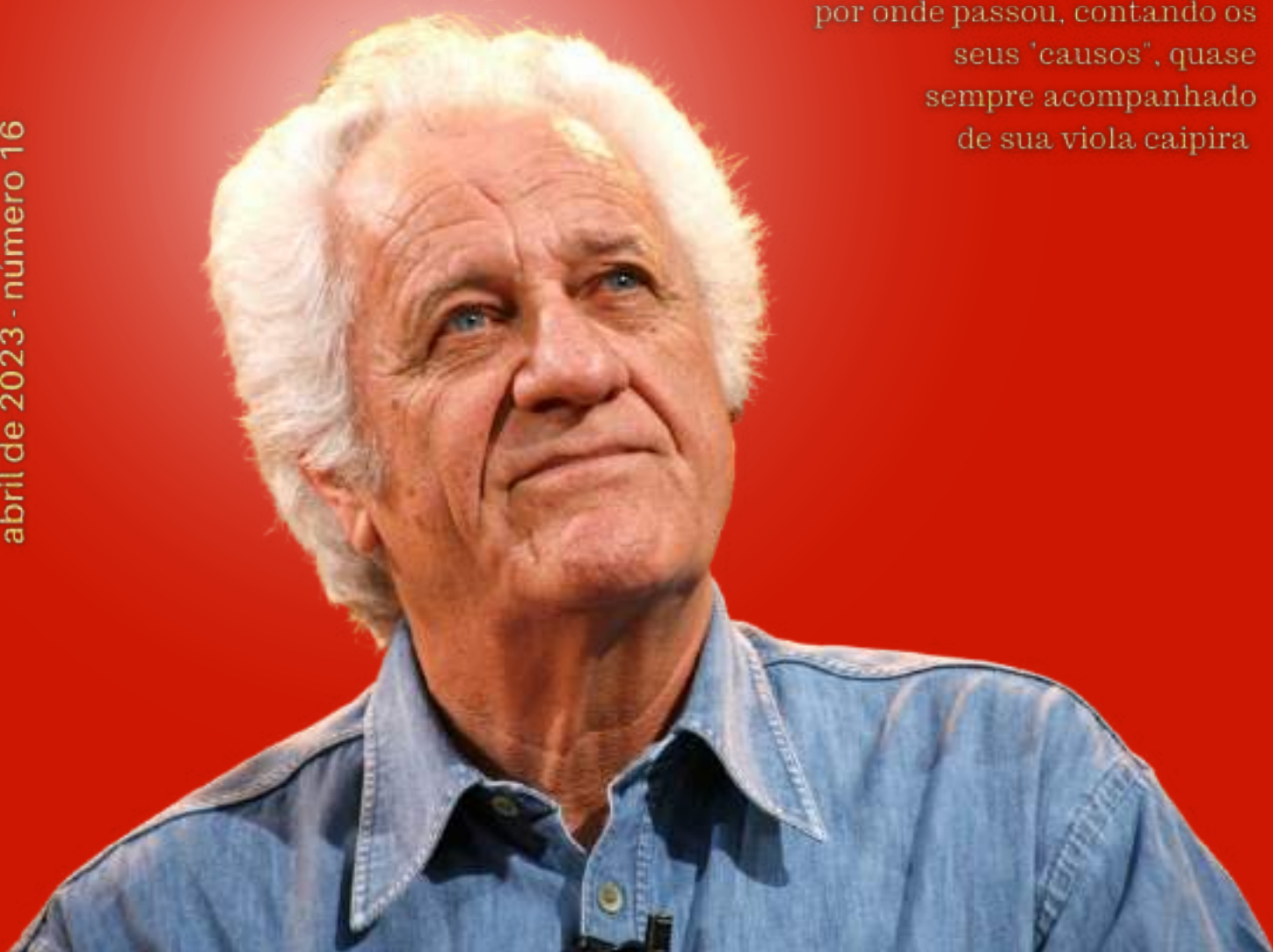


revista **bulunga**

ele nos deixou recentemente,
depois de nos presentear
com uma carreira de 74 anos
coroada de sucessos, espalhando
humor e simpatia
por onde passou, contando os
seus 'causos', quase
sempre acompanhado
de sua viola caipira

abril de 2023 - número 16



uma homenagem ao inesquecível

ROLANDO BOLDRIN

EDITORIAL

Quem viveu nos anos 1960 acreditou na promessa de progresso e modernidade para o país, com a inauguração da Capital Federal, em 21 de abril de 1960, em um lugar perdido no mapa que passou a se chamar Brasília, mudança que já vinha sendo pensada muito antes, não necessariamente para aquela região, ainda nos tempos do marquês de Pombal, e depois por José Bonifácio, mas que começou mesmo a ser projetada em 1956 pelo urbanista Lúcio Costa, pelo arquiteto Oscar Niemeyer e pelo engenheiro estrutural Joaquim Cardozo.

O plano inicial teria sido concentrar todos os corruptos do Brasil naquele ponto, mas não foi suficiente: eles se multiplicaram e a coisa se espalhou por todo o país, como uma terrível pandemia.

Antes de Brasília, a capital do país tinha sido Salvador e depois o Rio de Janeiro, e até se pensou em trazê-la para o interior de Minas Gerais, mas concluiu-se, na época que, enquanto mais afastada, mais dinheiro gastariam para construir tudo do zero, e assim poderiam desviar uma fábula em verbas, o que até hoje ocorre, forçando o pagamento de despesas de transporte aéreo e a manutenção de monumentais órgãos inúteis e suntuosas moradias funcionais, entre outras artimanhas.

A cidade foi pensada para ser dividida em setores como o hoteleiro, bancário, embaixadas, etc. Em outras palavras, para fazer duas ou três coisas em um dia, o coitado do brasileiro (ou candango) terá que rodar muito dentro da cidade.

Tornou-se, então, a capital da corrupção, num ambiente de bandidos escolhidos pelo voto ou indicação política, cercados por lobbistas e embusteiros de todos os tipos, e este é o retrato do Brasil, que não é mesmo um país sério.

A solução seria novamente transferir-se a Capital Federal, e desta feita sugerimos Pindamonhangaba, mas não nos perguntam por quê razão, pois diríamos que é apenas pelo nome engraçado.

BELEZA

Deve ser ruim ser bonito. Deve ser ruim, mas também deve ser bom. Mais ruim do que bom. Para quem é bonito, existem as vantagens de sempre ser convidado para festas, ser escolhido preferencialmente para as disputas de empregos, e também nas promoções, de ficar em evidência, de se tornar influente, mas o lado ruim é que tudo será feito com uma intenção oculta, quase sempre relacionada ao sexo. Com o feio, isso já não é problema: ninguém vai querer abusar dele.

Quando escrevo "feio", "bonito", "convidado", "dele", vale tanto para ele quanto para ela, pois a concordância, em casos em que houver substantivo masculino e feminino sempre ocorre com o masculino. Na Revista Bulunga não tem esse negócio de linguagem neutra. Vão se lascar!

Mas voltando ao assunto que é a beleza, pior ainda é quando a pessoa constrói a sua carreira unicamente com base nessa característica. Com as mulheres é duas vezes pior: vejo muitas atrizes e modelos que foram lindas na melhor fase de suas vidas e que depois ficaram loucas porque envelheceram e perderam o vigor. Com os homens também acontece, mas em proporção menor, pois muitos acabam se acostumando com a barriga saliente, com os cabelos brancos e com a careca, e alguns até se divertem com isso. Vejam o exemplo do ator Jack Nicholson, entre outros que poderia citar.

Já as mulheres inventam de fazer toda espécie de intervenções cirúrgicas, injetam coisas no rosto e em partes do corpo e ficam se parecendo com um bagre que bateu a cara num recife de corais.

Muito se fala em beleza interior, mas ninguém vai querer comer o interior de alguém. Alguns leitores vão dizer "nossa, que grosseria", por utilizar o termo "comer", mas o que ocorre é exatamente isso, um ato de canibalismo, e muitas pessoas se deixam devorar, acreditando que assim serão felizes para sempre. Quanta ilusão!



Bulunga entrevista

UM SONHADOR

Dizem os especialistas que todos nós sonhamos, sempre, mas nos esquecemos do conteúdo imediatamente ao acordarmos. Contudo, os pesadelos, ou sonhos ruins, são mais fáceis de se lembrar. A maior parte dos sonhos se relaciona a rotinas diárias do trabalho, da escola, dos afazeres domésticos, mas também relembramos coisas aparentemente perdidas no passado, que se misturam ao presente e a projeções do futuro, o que nem sempre representa uma premonição. Sonhamos com pessoas conhecidas, com gente que já morreu ou que nunca existiu, e não foi ainda encontrada uma razoável explicação para esse fenômeno que já foi estudado por Freud, para quem tudo acabava em sexo. A conversa aconteceu em uma tarde morna, na clínica do nosso entrevistado, em um bairro confortável de Belo Horizonte.

BULUNGA – Ei! Acorde! Já começamos a entrevista!

SONHADOR – Ah, desculpe-me! Eu estava acordado. Apenas pensando em algumas coisas.

BULUNGA – Mas com essa cara, com esse sorriso, devia ser coisa boa...

SONHADOR – Sem dúvida... faço o possível para direcionar os meus pensamentos para o lado positivo. Precisamos exercitar essa capacidade.

BULUNGA – Não quero ser pessimista, mas no país em que vivemos, pode não ser muito fácil lidar com isso...

SONHADOR – Claro que é. Você deve saber que existem no mundo lugares bem piores do que aqui.

BULUNGA – Sem dúvida. Mas não posso deixar de ficar triste e irritado em pensar que este poderia ser o melhor país do mundo, mas que estamos indo para o buraco por causa dessa corrupção, dessa desigualdade, dessa imoralidade e violência...

SONHADOR – Não tiro sua razão, mas se a coisa piorar, você poderá ir embora... Imagine quantas terras existem para desbravar... outros continentes... isso sem contar as ilhas. E se, mesmo assim, não conseguir, existem outros planetas.



BULUNGA – Aí também já é sonhar demais...

SONHADOR – Um astronauta é feliz na solidão do espaço. E nem precisa ir tão longe: um eremita, no meio do mato, pode viver a mesma sensação.

BULUNGA – Mas não quero me isolar das pessoas. Só quero viver em uma comunidade mais evoluída, com direitos e deveres estabelecidos, sem tantos abusos como os que ocorrem no país em que vivemos.

SONHADOR – Exatamente por isso é que sonho! É grátis! Você está perdendo uma grande oportunidade.

BULUNGA – Mas isso é uma fuga. Como posso sonhar se ao abrir os olhos vejo todos esses absurdos acontecendo?

SONHADOR – Diga-me o que está acontecendo agora, neste momento, aqui, onde estamos.

BULUNGA – Ora, estou entrevistando você...

SONHADOR – E isto é ruim? Eu represento alguma ameaça a você? É injusta a sua condição de entrevistador e a minha, de entrevistado? Você tem a liberdade para perguntar o que quiser, e eu, para responder ou não. O café está quente? O croissant que estamos comendo está gostoso? Temos ainda que provar a salada de frutas com chantilly. Será que está boa?

BULUNGA – Quanto a isso, não tenho nada a reclamar. Mas este momento vai passar, e aí terei que enfrentar a realidade.

SONHADOR – Mas a realidade é momento em que estamos vivendo agora. Na verdade, você está antecipando os fatos, querendo viver o futuro. Quanto ao passado, você teve muitas experiências ruins?

BULUNGA – Até que não. Tenho boas lembranças. Mas costumo apagar as experiências negativas que vivi. É uma forma de não ficar me remoendo...

SONHADOR – Ótimo método! Então o que está faltando? Você tem boas lembranças e está vivendo um momento bom. Tente prorrogar este instante. Adie os compromissos do resto da tarde. Fique aqui conversando comigo, tranquilamente, degustando estes alimentos. Temos almofadas espalhadas pelos cantos. Durma um pouco e sonhe com coisas boas.

BULUNGA – Seria maravilhoso se fosse fácil assim...

SONHADOR – Mas é fácil! Depende de como você escolhe tornar o seu futuro em presente. Projete coisas boas e terá coisas boas.

BULUNGA – Mas as coisas ruins acontecem independente de minha vontade.

SONHADOR – Você supervaloriza o mal e menospreza o bem. Tente inverter. Diga-me o que aconteceu de ruim nesta semana.

BULUNGA – O meu carro estragou, o mecânico inventou um monte de coisas para eu pagar, levei uma multa, briguei com minha mulher, caí na malha fina do Imposto de Renda, tive que ir em uma festinha chata do pessoal do serviço, tem ainda a corrupção do governo, os serviços públicos que não funcionam, a justiça com suas práticas injustas...

SONHADOR – E as coisas boas?

BULUNGA – Deixe-me pensar... hummm... assisti um filme legal... fui a um restaurante japonês que tem uma comida sensacional... o meu filho passou no vestibular...

SONHADOR – Vamos colocar em ordem de importância: você teve mais coisas boas ou ruins durante a semana? Pense só no que se relaciona diretamente a você: esqueça o resto do país e do mundo.

BULUNGA – Se eu forçar a barra um pouquinho, tive mais coisas boas do que ruins.

SONHADOR – Está vendo? Entendeu como a coisa funciona?

BULUNGA – Podem até estar acontecendo coisas boas para mim, mas quando vejo a injustiça e a violência ao redor, isso me incomoda muito.

SONHADOR – O problema é a proximidade: se você se distanciasse de tudo isso e fosse morar na Islândia, onde o nível de desigualdade é quase nulo, onde não existem assaltos e corrupção, acha que a sua vida seria melhor?

BULUNGA – Digamos que sim... se eu não lesse as notícias, talvez me convencesse de que tudo estaria bem. Mas não posso viver dessa forma egoísta, enquanto as pessoas sofrem ao redor do mundo.

SONHADOR – O seu sofrimento solidário ajuda, de alguma forma, essas pessoas? O que você pode efetivamente fazer para mudar essa situação?

BULUNGA – Não creio que possa mudar.



SONHADOR – Concluo que o seu problema é o excesso de informações que traz para si. Excesso de INFORMAÇÕES RUINS, melhor dizendo...

BULUNGA – Você tem razão... e como posso sair dessa? Mudar de país, ir para a Islândia, e não ler mais notícias do que acontece no país e no resto do mundo?

SONHADOR – Mesmo na Islândia existem problemas. Lá também devem existir pessoas infelizes por qualquer algum outro motivo não relacionado à justiça, à política ou à economia.



BULUNGA – Devo concluir , então, que o problema está em mim?

SONHADOR – É uma pergunta ou uma afirmação?

BULUNGA – Entendi...

SONHADOR – “Viver é melhor que sonhar”, disse um compositor.

BULUNGA - “Por isso, cuidado, meu bem: há perigo na esquina”...

SONHADOR - Esse mesmo... pena que já se foi.

BULUNGA – Mas o sonho dele não acabou de uma forma boa... Que nem aquele outro que falava de paz e amor, e morreu baleado em frente ao seu prédio, no Central Park...

SONHADOR – Lá vem você com seus exemplos negativos... Vamos tentar mudar a perspectiva?

BULUNGA – Mas eu não consigo me enganar. Os exemplos estão aí!

SONHADOR – Você precisa de consolo, de paz, tranquilidade. Já experimentou ler “O Sermão da Montanha”?

BULUNGA – Da Bíblia?

SONHADOR – Sim. Está em Mateus, capítulos 5 a 7.

BULUNGA – Vai tentar me converter em plena entrevista?

SONHADOR – Você começou a entrevista comentando sobre o meu sorriso. Não quer ter um sorriso igual?

BULUNGA – Sim...

SONHADOR – Então leia.

BULUNGA – Vou ler.

SONHADOR – Agora?

BULUNGA – Mais tarde...

SONHADOR – Por quê não agora? Pegue aqui. Leia. São poucas páginas. Não levará mais de dez minutos. Deixe de preguiça.

BULUNGA – Aceito o desafio. E obrigado pela entrevista.

SONHADOR – Disponha. E tenha bons sonhos...



ROLANDO BOLDRIN

Se havia uma coisa que me dava prazer era ouvir Rolando Boldrin contando os seus “causos” na televisão. Mas ele foi embora, para sempre, em 9 de novembro do ano passado, aos 86 anos. “Para sempre” é só um jeito de dizer, pois jamais será esquecido, e os seus vídeos podem ser vistos com facilidade na internet, pois apresentou diversos programas na TV, entre eles “Som Brasil”, “Empório Brasileiro”, “Empório Brasil”, “Estação Brasil” e “Sr. Brasil”, trabalhado na Rede Globo, na Bandeirantes, no SBT, na TV Gazeta e na TV Cultura.

Era também um grande ator, um exímio violeiro e um talentosíssimo cantor. Mas o que Rolando Boldrin mais sabia fazer era contar suas maravilhosas histórias de caipiras.

Dono de uma simpatia contagiante, foi um dos maiores divulgadores da música sertaneja brasileira. Em 2022, foi homenageado pela TV Cultura com o documentário “Eu, a Viola e Deus”, nome de sua mais famosa canção, e nada mais justo para quem dedicou 74 anos à arte do encantamento, pois começou aos 12 anos de idade, cantando com o irmão em uma dupla



atuando em "O Filme de Minha Vida"

conhecida como "Boy e Formiga", ainda em São Joaquim da Barra, em São Paulo, onde nasceu.

Encantar era o que ele mais sabia fazer, com aqueles olhões azuis que ele tinha, e o sorriso que não conseguia esconder antes de acabar a piada, o que antecipava o riso da platéia.

Difícil não lembrar do refrão de um dos seus maiores sucesso da música "Vide, Vida Marvada", que foi tema, durante muitos anos, do programa "Som Brasil":

"É que a viola fala alto no meu peito, mano
E toda moda é um remédio pros meus desgano
É que a viola fala alto no meu peito humano
E toda magoa é um mistério fora desse plano
Pra todo aquele que só fala que eu não sei viver
Chega lá em casa pro uma visitinha
Que num verso ou num reverso da vida inteirinha
Há de encontrar-me num cateretê
Há de encontrar-me num cateretê".



Atuou no teleteatro, ainda na década de 1950, com monstros da dramaturgia como Lima Duarte e Laura Cardoso, e com eles foi para a TV, chegando a participar de trinta novelas, mas teve que abdicar desse talento para brilhar como apresentador, função que exerceu com maestria, até o último dia de sua vida. Adeus, Rolando! Vá brilhar lá no céu.



(crônica de Michel Salomão)

O menino chegou em casa diferente. Alguma coisa ele aprontou, pensou a mãe, acostumada a sair atrás do rastro de roupas jogadas a partir do hall, começado pelo tênis, o segundo pé já na sala, a camisa no corredor, a mochila na porta do banheiro e o resto espalhado pelo chão do quarto. Ele vestia rapidamente um short, uma camisa, colocava a chuteira, passava correndo pela cozinha, pegava alguma coisa na geladeira e saía comendo, mesmo sem ter lavado as mãos, na correria em direção ao campo de futebol que ficava a poucas quadras dali. Desta vez ele chegou, guardou os seus pertences de forma organizada, trocou de roupa, colocou as que estavam sujas no cesto do banheiro, pegou um livro e foi ler sentado em frente à escrivaninha. A mãe logo pensou que ele estava doente.

MÃE – O que aconteceu, meu filho?

FILHO – Nada não. Deu vontade de ler.

MÃE – Acho ótimo, mas você nunca faz isso. E o futebol? Não vai ter hoje?

FILHO – Vai, mas achei melhor ficar aqui.

MÃE – Você está bem?

FILHO – Sim.

MÃE – Você está diferente. Pode falar. Eu te conheço.

FILHO – É que tive uma palestra que me deixou pensativo.

MÃE – Sobre o quê, meu filho?

FILHO – Sobre questões relacionadas à sexualidade.

MÃE – (engoliu em seco) Ah, que legal, meu filho...

FILHO – Percebi que estava agindo de acordo com os modelos impostos pela sociedade.

MÃE – Como assim, meu filho?

FILHO – Como vestir roupas masculinas, praticar esportes violentos...

MÃE – Mas isto é o normal, meu filho.

FILHO – Nem sempre. Na verdade, nunca havia refletido sobre essas coisas. Tudo sempre foi feito de forma mecânica, sem pensar no que eu queria ser exatamente...

MÃE – Mas, meu filho, você é só uma criança de doze anos de idade...

FILHO – Não sou mais uma criança, mas um adolescente.

MÃE – Sim, tudo bem, um adolescente, mas com direito a brincar, a se divertir como qualquer outra criança, ou melhor, outro adolescente normal.

FILHO – Não estou mais feliz com essas condições impostas a mim. Decidi assumir a minha feminilidade.

MÃE – (a mãe quase perdeu a respiração) Como assim?

FILHO – Decidi que de agora em diante serei uma mulher.

A mãe quase desmaiou, tendo que se apoiar na escrivaninha. Não era possível que essas questões da diversidade tivessem chegado naquela escola. Pagava um absurdo de mensalidade só para tirar o filho dessas influências socialistas que bagunçam a cabeça das crianças e adolescentes, principalmente em escolas públicas, junto às camadas mais carentes da população, com essas conversas de igualdade de gênero, raça, nivelamento da pobreza por baixo, além da rejeição a qualquer espécie de religião, com o propósito de jogar um grupo contra outro, desestabilizando a ordem e a paz social.

MÃE – (segurando o choro) Oh, meu filho: onde foi que eu errei?

FILHO – (rindo muito) Não errou nada não, mãe. Era só uma brincadeira. Fiz isso para que me libere para viajar com os meus amigos no feriado. Ou prefere que eu vire uma menina?

MÃE – (tentando se recuperar) Não, meu filho, pode ir. Pode ir. Quanto vai precisar de dinheiro?

LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

Escrever fácil é muito difícil: poucos sabem fazer. Luis Fernando Veríssimo é um desses. Dentre tudo o que ele já produziu, destacamos “Ed Mort e Outras Histórias” e “Comédias da Vida Privada”, que fizeram tão absurdo sucesso que acabaram sendo levados para o cinema e para a TV. Mas ele fez muito mais do que isso, como “O analista de Bagé” e “A Velinha de Taubaté” e “As Mentiras que os Homens Contam”, atraindo para a literatura gente que nem tinha o costume de ler. Colunista de vários jornais, acostumou-se a escrever textos curtos, com um humor refinado e cheio de ironia. Mas além de escritor, é cartunista (seus desenhos “As Cobras” fizeram muito sucesso) e músico de jazz, sendo um exímio saxofonista.

E para quem não sabe, é filho do famoso escritor Érico Veríssimo, autor de “Olhai os Lírios do Campo”, “O Tempo e o Vento” e “Incidente em Antares”.

Nascido em Porto Alegre, viveu parte da infância nos Estados Unidos, onde estudou em boas escolas e desenvolveu o gosto pelo Jazz.

Difícil não gostar de ver esse velhinho pacato, sempre com um sorriso tímido no rosto, que nem parece estar ciente de sua importância para a cultura brasileira e também do mundo, pois teve suas obras traduzidas para vários países, recebendo prêmios na Inglaterra, na França, entre outros.

Veríssimo fará 87 anos em 26 de setembro, com a graça de Deus. Teve um AVC em 2001, mas parece ter se recuperado totalmente, e continua produzindo os seus textos, agora mais moderadamente. É considerado um dos maiores escritores brasileiros, tendo vendido quase 6 milhões de livros.

Uma pequena amostra do seu fabuloso talento pode ser visto com as crônicas “A Famosa Samanta”, “A Aliança”, “O Homem Trocado”, “Brincadeira” e “Aprenda a Chamar a Polícia”, disponíveis na internet, com uma breve pesquisa.



Algumas obras do autor

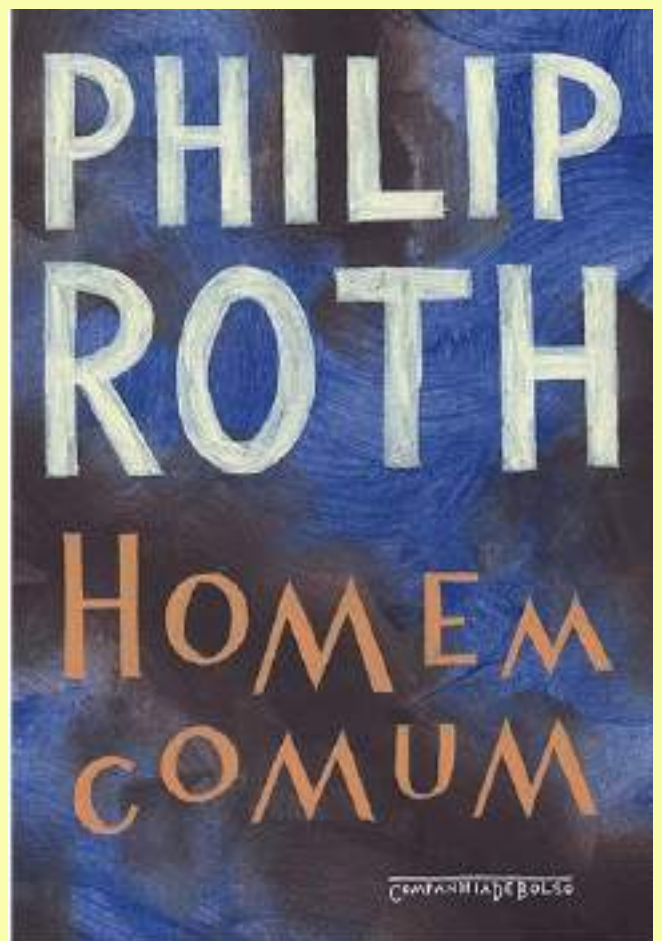
O Popular, crônicas, 1973
A Grande Mulher Nua, crônicas, 1975
Amor Brasileiro, crônicas, 1977
O Rei do Rock, crônicas, 1978
Ed Mort e Outras Histórias, crônicas, 1979
Sexo na Cabeça, crônicas, 1980
O Analista do Bagé, crônicas, 1981
A Mesa Voadora, crônicas, 1982
Outras do Analista de Bagé, crônicas, 1982
O Gigolô da Palavras, crônicas, 1982
A Velhinha de Taubaté, crônicas, 1983
A Mulher do Silva, crônicas, 1984
A Mãe de Freud, crônicas, 1985
O Marido do Doutor Pompeu, crônicas, 1987
Zoeira, crônicas, 1987
O Jardim do Diabo, romance, 1987
Noites do Bogart, crônicas, 1988
Orgias, crônicas, 1989
Pai Não Entende Nada, crônicas, 1990
Peças Íntimas, crônicas, 1990
O Santinho, crônicas, 1991
Humor Nos Tempos de Collor, crônicas, 1992
O Suicida e o Computador, crônicas, 1992
Comédias da Vida Privada, crônicas, 1994
Comédias da Vida Pública, crônicas, 1995
Novas Comédias da Vida Privada, crônicas, 1997
A Versão dos Afogados, crônicas, 1997
Gula - O Clube dos Anjos, romance, 1998
Aquele Estranho Dia Que Nunca Chega, crônicas, 1999
Histórias Brasileiras de Verão, crônicas, 1999
As Noivas do Grajaú, crônicas, 1999
Todas as Comédias, crônicas, 1999
Festa de Criança, infantojuvenil, 2000
Comédias Para Se Ler Na Escola, crônicas, 2000
As Mentiras que os Homens Contam, crônicas, 2000
Todas as Histórias do Analista de Bagé, contos, 2002
Banquete Com os Deuses, crônicas, 2002
O Opositor, romance, 2004
A marcha, crônicas, 2004
A Décima Segunda Noite, romance, 2006
Mais Comédias Para Se Ler Na Escola, contos, 2008
Os Espiões, romance, 2009
Informe do Planeta Az, 2018

PAPO- CABEÇA

com Jorge F. Isah

O homem e suas contradições, contraposições, escolhas e rutilantes incertezas... Mesmo a mais convicta das pessoas se vê, vez ou outra, metida em paradoxos e desfechos indesejados, cruéis e ordinários. Isso ocorre com todos, excepcionais ou comuns, de sorte que ninguém escapa aos dilemas e embaraços do cotidiano. Assim também são os personagens de Philip Roth, e a bem da verdade de qualquer bom escritor. Podemos rotular e estigmatizar pessoas ao bel-prazer de nossas definições e imprecisões, mas certamente o estereótipo será muito mais resultado de quem avalia ou interpreta do que propriamente do responsável ou causador, pois quase sempre vemos a capa ou o invólucro e pouco ou nada sabemos do íntimo, o que está por dentro da casca. Vá lá!, tem gente oca, onde existe apenas a casca, e essa na maioria das vezes fininha, diáfana, e permite observar com clareza o vácuo intimidador, mas não se pode ampliar ao todo o pertencente a alguns ou poucos, mesmo sendo muitos. A generalização é inimiga da reflexão, e o ser humano vai muito além de simples adereços ou penduricalhos a defini-lo.

O Homem Comum trata portanto de um homem comum, não tão comum, mas essencialmente comum. Daqueles possível de se encontrar em qualquer esquina ou mesa de lanchonete ou no ônibus ou metrô. Desprendido do senso moral, equilibra-se (ou tenta fazê-lo) a partir dos seus instintos, do hedonismo capaz de trazer-lhe prazer e realização momentâneas; a busca por aventuras juvenis, ao quebrar regras de convivência e em seu egoísmo deparar-se constantemente com a mais consistente solidão. As pessoas são meros instrumentos, nada que não possa ser abandonado e substituído, e a vida vai tecer-se em uma bolsa irremediavelmente vazia e despojada de sentido. Ele se dá relativamente bem no âmbito profissional, e poderia ser ainda mais bem-sucedido se não fosse tão somente uma exigência dentro das suas necessidades: o desfrute e os prazeres, independente dos seus efeitos.



Ao envelhecer e aproximar-se da morte, várias vezes a espreitá-lo em suas recentes internações e cirurgias, começa a ter, mesmo parcialmente, a visão realista da sua vida e sobretudo do modo em dispô-la. Algo tornava-se insuportável em sua inevitabilidade, cada vez mais ostensiva e inegável. Algo se tornava irreconciliável pelos anos e anos de disputas, pela instabilidade emocional, muito mais do que física, pelos desprezo aos vínculos, à lealdade, ao convívio superficial e instantâneo com que teceu os relacionamentos e, por que não, a própria relação consigo mesmo. Estranhamente ou melhor, ordinariamente, o protagonista de Roth é a multidão de vozes da humanidade, em especial neste tempo onde as certezas e esperanças absolutas não são cultivadas mas ignoradas em favor das incertezas e do pessimismo a tornar as vidas em amontoados de acidentes, contingentes e circunstanciais, uma armadilha tosca, primitiva mas terrivelmente eficiente. É aquela mosca, no exercício da sua plena liberdade, capturada na teia estática e quase invisível aos seus inúmeros olhos. Apanhada, não tem como escapar, e se torna naquilo sequer imaginado, pensado, sugerido, a despeito dos embustes a circundá-la. Ao negar não ver, a própria visão torna-se espólio na cilada.

Tal como o “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, o morto reflete sobre a sua vida, sem qualquer possibilidade de alterá-la, de redenção, talvez servindo de alerta aos leitores, o gemido transcendente a ecoar em ouvidos vulgares, como a dizer: fujam de mim! Faz-me lembrar do Rico e do Lázaro. Mortos, o Rico sofre nas profundezas do infer-

no e pede a Abraão para enviar Lázaro até os seus amigos e parentes a fim de alertá-los sobre o lugar terrível para onde foi e inevitavelmente também iriam. Abraão não atende ao pedido do Rico, porque eles, os vivos, tinham Moisés e os profetas a exortá-los (não vou entrar nos pormenores teológicos), mas, de alguma maneira, Roth recebe a mensagem do além e a retransmite, sem indicar a direção correta e perfeita, apenas revelando a precariedade vivida pelo nosso herói.

O livro inicia-se com o funeral e a morte é presença constante durante a narrativa. Aos nove anos, internado, presencia a morte de um garoto, e isso o impressionou tanto que carrega o sentimento de perda por toda a vida, como se aquele menino fosse também parte de si mesmo. De alguma maneira, naquele episódio, o protagonista morre um pouco, e morrerá muitas outras vezes enquanto vê partirem parentes e amigos. Ele sente-se fragmentar, esfarelar-se nos anos e décadas, e nada mais lhe resta do que escolher os prazeres porque o dia seguinte pode não mais existir. O desconforto e inconsciência refletem em amargura, aflição, suportada pelo sexo obstinado e, por meio dele, aos próprios olhos, fazer-se invulnerável, um estoico diante do destino.

Ao abandonar esposas, filhos e irmão (de quem inveja a saúde), afasta-se de si mesmo; a tentativa desesperada de fugir ao desígnio iminente e, tal qual aquela mosca, acaba aprisionando-se ainda mais a ele. Nada disso, entretanto, é capaz de aplacar a solidão e alterar-lhe o fim.

Roth, como tantos outros autores judeus, vislumbra um mundo sem Deus, sem propósito, e existências vazias reparadas somente pela morte. Ela é o “grand-finale”, quase uma divindade, terrível, o Tânatos banal e inevitável das vidas comuns (sim, todos acabarão, cedo ou tarde, se defrontando com o “esconderijo da vida”), mas aglutinadora de todos os enganos ambíguos e duvidosos, o desfecho lógico e consciente de um mundo irracional e leviano. E neste aspecto não resta outra opção a não ser entregar-se a ela, ainda que o encontro lúgubre estenda-se como em um longo velório por toda a vida.

COLOQUE AQUI O SEU ANÚNCIO

Avaliação: (***)

Título: O Homem Comum

Autor: Philip Roth

Páginas: 128

Editora: Cia das Letras

Sinopse: “Em Homem comum, Philip Roth explora o tema da perda, do arrependimento e do estoicismo ao voltar sua atenção para a luta de um homem contra a mortalidade. Acompanhamos o destino do protagonista a partir de seu primeiro confronto com a morte, nas praias idílicas dos verões da infância, passando pelos conflitos e pelas realizações da idade adulta, até a velhice, quando ele fica dilacerado ao constatar a deterioração de seus contemporâneos e dele próprio.”



VIOLÊNCIA NO TRÂNSITO

Ele havia prometido a si mesmo não brigar no trânsito, pois havia se envolvido em alguns incidentes anteriores, a ponto de a esposa dele se recusar a passearem no mesmo carro, mas é praticamente impossível a um ser humano comum não se estressar em uma cidade como Belo Horizonte, que possui semáforos a cada 100 metros, programados de forma alternada, o que não permite aos carros desenvolverem uma boa velocidade nos corredores cheios de cruzamentos, e incentiva os motoristas a avançarem o sinal, causando congestionamentos assombrosos durante grande parte do dia. Mas pior ainda são as rotatórias, que provocam gargalos insanos, afetando as demais vias, que paralisam a cidade quase por completo.

Ele era do tipo de gente que respeita as regras do trânsito, que dá passagem quando alguém à frente dá a seta ou vai sair de uma garagem, mas são poucos os que fazem isso. Dias antes, por volta das 7 horas da manhã, quando saía para o trabalho, estava a uma quadra de seu condomínio, em meio a um habitual congestionamento, havia se movimentado para o lado direito da pista, próximo ao meio-fio, já no interior de uma rotatória, quando um motorista que vinha pelo lado esquerdo da via quis entrar à sua direita, tentando passar à sua frente, para entrar em seu condomínio, mas o nosso humilde personagem não o viu, pois estava atento ao deslocamento dos carros mais adiante, e assim avançou alguns poucos metros, e só percebeu, segundos após, que havia alguém gritando loucamente logo atrás de seu carro, chegando a pensar que havia atropelado alguém.

Olhou pelo retrovisor e viu que havia um Mercedes Benz ,

modelo A200, e o seu condutor estava com o vidro aberto e berrava e gesticulava que nem um maníaco, xingando sua inocente genitora e o qualificando com adjetivos impublicáveis. Sua paciência foi de 0 a 100 em 0.000023 segundos: abriu o vidro do carro e começou a gritar mais do que o outro.

O estopim foi deflagrado quando ouviu o maluco gritar que ele teria que trabalhar muitos anos para morar em um condomínio igual ao dele, que era onde ele pretendia entrar com privilégios, antes de ser impedido, mesmo que involuntariamente, pelo nosso personagem. O mais interessante é que ambos moravam em condomínios com o mesmo nível de conforto, pois na região só existiam resorts de quase idêntico padrão, mas nem por isso o inocente iria sair gritando por aí, com a intenção de humilhar alguém, ainda mais em um país onde grande parte da população não possui nem mesmo saneamento básico ou comida no prato.

Por uma fração de segundos, pensou em sair do carro e esmurrar a cara do esnope, mas imaginou que o exibido poderia estar armado e assim haveria de colaborar com o aumento dos índices das vítimas da violência do trânsito. Só lhe restou, então, acelerar o carro e seguir a vida, pedindo a Deus perdão por ter deixado de ser cristão por um lapso de 60 segundos.



cena de "Um dia de Fúria", com Michael Douglas (1993)

EU NÃO QUERO IR PARA A ÍNDIA!!!!

Não tenho passagem comprada para a Índia e ninguém está me coagindo a ir até lá, mas preciso apenas comentar que estou seguindo um canal no Youtube chamado “Rota Livre pelo Mundo”, onde Thais Nakaguma e Diego Silva (foto), um casal muito simpático de brasileiros, de Limeira-SP, mostra com detalhes as suas viagens de mochileiros por vários países do mundo, entre eles, a Índia.



Dá nojo de ver como os indianos manipulam as comidas, o jeito como se lavam com roupa e tudo, em qualquer lugar público, utilizando baldes e canecos, pois nem sei se lá existem chuveiros. E tem também a sujeira das ruas, o trânsito caótico, com scooters, bicicletas, tuk-tuks (aquelas “carrocinhas” que levam um ou dois passageiros, puxadas por bicicleta ou moto), vacas e cachorros se enveredando no meio das pessoas, o Rio Ganges imundo com as pessoas se banhando e cadáveres boiando, tudo sem a mínima regra, sem a mínima ordem,



Penso que o número de mortes por atropelamento e intoxicação naquele país deve ser assombroso, mas poucos devem ligar para isso, pois é o segundo mais populoso do mundo, com quase um bilhão e meio de habitantes, e assim se morrer um monte de gente, tanto faz. Um estrangeiro há de enlouquecer com as ensurdecedoras buzinas dos scooters, transitando no meio



da multidão em estreitos corredores cheios de lojinhas, onde se vende de tudo, principalmente alimentos, preparados em grandes baldes, bacias ou panelas encardidas, no chão, junto a ratos e cachorros, sem a menor preocupação com os germes.

A única vantagem é que lá tudo é extraordinariamente mais barato do que aqui no Brasil, sendo que um real vale 15,66 rúpias. Naquele país, é possível fazer um almoço por 3 ou 4 reais, comprar uma boa mochila de viagem por 12 reais e uma camisa por 5 reais.

Você pode até correr o risco de morrer intoxicado com a comida ou ser atropelado, mas a sua cremação também há de ser muito mais barata do que no Brasil.



Mas a sujeira de lá não é tão suja quanto a do Brasil, onde a maior concentração acontece na política, sem que haja qualquer possibilidade de profilaxia, nem com a mais forte das creolinas, pois a imundície já faz parte do cotidiano do povo brasileiro, que acaba apoiando toda essa sujeirada em troca de uma "vantagem", de uma "boquinha".

Foi assim nas últimas eleições e assim será na próxima. Pensando bem, o povo indiano até que é bem limpinho, se comparado a nós, brasileiros.



LaundrySpeed
service

PROMOÇÃO!
PACOTES ECONÔMICOS

DESCONTO ESPECIAL

10% solteiro	20% casal	35% família
------------------------	---------------------	-----------------------

(31) 989029482
Avenida Dom João VI, 1.650 - Palmeiras
@laundryspeedservice

INTERNÚCLEO
CONSERVADORA E ADMINISTRADORA
(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

A

Diz um velho ditado que “em casa de ferreiro, o espeto é de pau”. Não necessariamente. Pode ser que sim, pode ser que não. Pode ser que o ferreiro seja um cara muito prático e que tenha concluído que a produção da utilidade doméstica elaborada com madeira seja mais viável e menos onerosa do que a de ferro, da mesma forma como se prevê que um ourives não utilize talheres de ouro em sua casa. Em outras palavras, necessário dizer que as pessoas devem analisar as variantes de acordo com a conveniência de quem a enfrenta a situação e por isso devem evitar encher o saco dos outros.

Para algumas pessoas, uma chuva pode estragar os seus planos, mas o outro estará feliz, pois guarda boas memórias do cheiro de terra molhada. E além do mais, a chuva regará as plantas, tudo ao redor ficará verde e surgirão flores e frutos.

Um ônibus perdido pode representar um lance de sorte pois o veículo poderá se envolver em um acidente fatal logo adiante, e o retardatário estará a salvo.

Esta demorada introdução sem muito sentido foi elaborada com o propósito de falar sobre aconselhamento sentimental. Tenha paciência: você já vai entender.

Quem assistiu “Hitch – um Conselheiro Amoroso” irá se dar conta do que estou falando.

Espera-se que um conselheiro, para essa modalidade, seja uma pessoa “resolvida”, que use para si mesmo o que costuma aconselhar aos outros, ajudando os enamorados a encontrarem “a outra metade da laranja”, e o que importa é que muitas pessoas estão solitárias, precisando de um empurrãozinho para poderem preencher o seu vazio, ou melhor, a metade faltante.

No filme em questão, o personagem principal é interpretado por Will Smith (aquele que esbofeteou Chris Rock na entrega do Oscar de 2022), que traça um plano infalível para que um inseguro gordinho (Kevin James) se dê bem em seu “crunch”, mas o próprio conselheiro acaba fisgado por uma morena (Eva Mendes) que não demora a descobrir as

A



suas técnicas baseadas em mentiras.

Em um passado não muito distante não existia internet, Facebook, Instagram e muito menos Tinder, tempo em que as pessoas tinham que ir à luta, aplicando suas cantadas do tipo “se colar, colou”, sem o perigo de tomarem um processo por assédio.

Hoje em dia, as pessoas preenchem os seus dados no aplicativo inventando um monte de mentiras, ocultando informações importantes como o hábito de comer caca de nariz ou peidar na mão e cheirar, e assim o sistema cruza as informações com as mentiras e omissões de centenas e milhares de outras pessoas, para oferecer a você o par “ideal”.

Só que no mundo real as coisas não funcionam dessa maneira: mais do que a aparência, existe a “química”, que pode ser uma combinação de cheiros, tom de voz, gestos, toque e olhar, o que a frieza de uma tela de computador não consegue reproduzir.

As pessoas vão testando novas experiências até que os requisitos sensoriais acima mencionados passem a prevalecer, mas isso às vezes demora.

O problema é que nesse intervalo você vai conhecer um monte de malucos, esquisitos, chatos, serial-killers e, possivelmente, irá até iniciar uma relação com essa pessoa, até que descubra que embarcou numa furada.

Um relacionamento iniciado virtualmente pode dar certo? A resposta é sim, da mesma maneira que uma relação convencional, sem a ajuda da tecnologia, pode acabar em fracasso.

Qual a razão de estar este escritor comentando sobre assunto tão controverso e sem aparente solução? Falta do que fazer. Eu poderia estar matando, roubando ou estuprando, mas estou aqui honestamente me empenhando em escrever esta porcária de artigo, só para tentar entreter o leitor.



Olha o humano
achando que
vai viajar
e me deixar
sozinho!
Faz isso não!
Vai ler um
livro, que
eu fico no seu
colo!

seboearte.com



PERDI O LIVRO!
E AGORA?



Vai lá!
seboearte.com

MÚSICAS QUE MARCARAM ÉPOCA

Alguns compositores deviam estar drogados ou surtados quando escreveram determinadas letras de suas canções, que fizeram ou ainda fazem sucesso, o que significa que seus ouvintes podem ser ainda mais drogados ou surtados do que eles.

Nesta coluna tentaremos traduzir algumas dessas letras, verdadeiros enigmas que somente quem compôs haveria de entender, e fazemos isso para tentar facilitar a vida de leitores e ouvintes. Vejamos o exemplo da música “Lágrimas de Crocodilo”, cantada pelo grupo João Penca e Seus Miquinhos Amestrados, que fez um relativo sucesso nos anos 1980, e que agora tentaremos transcrever (e comentar).

LÁGRIMAS DE CROCODILO

(João Penca e seus Miquinhos Amestrados)

No meio do deserto encontrei a sua irmã
Parecia um tigre comendo uma maçã
Não sei o que senti, eu não pude acreditar
Quando no espelho eu cruzei o seu olhar
Ah! e na minha vida tudo mudou
Aquela garotinha me ensinou o que é o amor
Dentro do meu carro a vida era melhor
Sentia que a Terra girava ao meu redor
Alguém pediu carona, eu não pude recusar
Quando acelerava ela disse pra parar
Ah! e na minha vida tudo mudou
Aquela garotinha me ensinou o que é o amor
Não diga nada para a sua mãe
Apague a luz pra eu te ver melhor

(Refrão)

Eu vou chorar lágrimas de crocodilo
Vou inundar o seu umbigo
Eu vou chorar lágrimas de crocodilo
Vou inundar o seu umbigo

(E depois repete tudo)

Vamos começar com a seguinte pergunta: que viagem alucinógena é essa de imaginar um tigre no deserto comendo maçã? Não existem tigres em desertos: apenas camelos, dromedários e algumas espécies de roedores e lagartos vivem por lá. E nenhum deles come maçãs, pois não existem pés de maçãs em desertos. Ah, sim, o cantor viu foi a irmã que parecia um tigre, e não necessariamente um tigre. Talvez, ela comesse a maçã. E o que eles



estavam fazendo em um deserto? Fumando maconha, certamente.

Logo adiante, o maconheiro disse que estava no carro dele quando alguém pediu carona. Ele estaria dirigindo no deserto? Ah, tanto faz, esqueça o deserto. Quem seria essa pessoa que pediu carona? A tal garotinha? Menor de idade, provavelmente, pois ele até falou para não contar para a mãe dela. Um pedófilo. Pedófilo e maconheiro.

E ainda pediu para a menina apagar a luz, para ele ver melhor, possivelmente, porque os efeitos da erva lhe provocaram fofobia.

O cara ainda é um mentiroso, pois disse que vai chorar lágrimas de crocodilo e inundar o umbigo da coitada. Como assim? Que nojo!

Algumas pessoas afirmam que as letras dessas músicas que não fazem sentido são cifradas e que, girando um disco de vinil ao contrário podem ser ouvidas mensagens ocultas, só conhecidas por membros de sociedades secretas ligadas a lances de pirâmides e seres extraterrestres, Atlântida e outras histórias, mas que também podem despertar um sentimento desconhecido na memória de quem escuta. Tigre, maçã, deserto, garotinha. Só pode ser coisa de maconheiro.



HERMES E RENATO



O fenômeno Hermes e Renato surgiu das brincadeiras de cinco amigos de infância, Fausto Fanti, Marco Antônio Alves, Adriano Silva, Felipe Torres e Bruno Sutter, que eram vizinhos, em Petrópolis-RJ e filmavam suas zoeiras e mostravam para amigos e parentes, e um dia esse material foi parar na MTV Brasil, mais precisamente em 1999, virando um quadro no programa Voz MTV, em forma de esquetes exibidas nos intervalos da programação, mas o público pirou com a loucura daqueles rapazes debochados e desbocados, e em 2002 já emplacaram um programa de meia hora.

O nome do grupo veio de um quadro famoso, com os personagens principais formados por Hermes (Marco Antônio) e Renato (Fausto Fanti); o nome estranho colou e teve uma repercussão que talvez nem eles imaginassem que conseguiriam.

Entre os maiores sucessos do grupo estava o “Tela Class”, em que os cinco faziam redublagens de filmes antigos, alterando totalmete o sentido da película original e inserindo os xingamentos mais absurdos, para o delírio do público.

A falta de preocupação com a caracterização dos personagens, com perucas e bigodes mal colocados, maquiagem borrada, enredos sem o menor sentido, palavões, finalizações que geralmente acabavam em pancadaria viraram a marca registrada do grupo, arrebatando milhares de fãs.



Entre os personagens mais memoráveis estão o Palhaço Gozo (parodiando o Bozo), o Boça (um paulistano com um sotaque pra lá de carregado), Cláudio Ricardo (um apresentador que imita todos os existentes), Padre Quemedo (uma sátira do Padre Quevedo), Joselito Sem-Noção (um chato de galochas), a Bichinha Pobre, além da famosa banda internacional de heavy metal “Massacration”, que fez tanto sucesso que ganhou um programa à parte.



Fausto Fanti



Eles não se levavam a sério. Dava para ver como se divertiam durante as filmagens, mas acabaram fazendo uma má escolha ao aceitarem a proposta de integrarem o programa "Legendários", do Marcos Mion, na Rede Record. Foi um período ruim. Tolhidos da característica irreverência, tiveram até que mudar o nome do grupo (a MTV detinha os direitos do original), passando a se chamar "Banana Mecânica", mas perderam a graça. Assim, resolveram voltar para a MTV, mas Bruno Sutter saiu antes, passando a comandar o programa Rocka Rolla.



Ele foi substituído por seu irmão Franco, mas apesar de fisicamente semelhante, jamais conseguiria suprir a lacuna deixada por Fausto.

O grupo continua em atividade, produzindo materiais para a internet, e vez ou outra os integrantes são entrevistados, algumas com a presença de Bruno Sutter, lembrando os melhores momentos do passado.

Mas o pior ainda estava por vir. Em 2013 a MTV encerrou as suas atividades, e já estava marcada a mudança do grupo para a FOX, quando ocorreu a morte de Fausto Fanti.

Fausto sofria de uma profunda crise de depressão, que foi agravada com a separação da esposa, e não poderia haver perda maior para o grupo, pois além de criador, ele era o cérebro por trás de todo aquele humor esquisito que conquistou uma legião de fãs.



Fausto Fanti

LIBERTE SEU TALENTO

**FAÇA TEATRO, CINEMA E TV
no Núcleo de Estudos Teatrais - NET**

Inscrições pelo WhatsApp (31)98025.1010, pelo telefone (31)3222.1010, no site
"www.teatrodonet.com.br", ou diretamente na Secretaria da escola,
na Rua Timbiras, 1605 - Belo Horizonte - MG

PAPO DE FUTEBOL

Michel Salomão

Quem foi o melhor jogador de todos os tempos? Sempre que surge essa conversa nos botecos, lugar que todo jogador de futebol deveria passar longe, onde os barrigudos pernas de pau sempre inventam de vomitar suas teorias, vem o nome de Pelé ou de Maradona. Qual dos dois? Para responder a essa pergunta, terei que fazer outra: o que é ser o melhor? Aquele que faz mais gols? Aquele que faz as jogadas mais incríveis e permite que outros jogadores concluam, furando as redes? Se for assim, nenhum goleiro há de ser eleito o melhor jogador, por mais que salve a equipe e colabore para ser a campeã, e também os zagueiros, que dificilmente hão de lançar bolas para que seus companheiros completem a jogada com apenas um ou dois toques. Nisso o futebol é ingrato, pois somente os atacantes são lembrados. Ninguém vai falar do goleiro Manga, ou de Ademir da Guia, monstros do futebol que hoje estão esquecidos.



Mas vamos aos desbravadores: não há dúvida que Pelé e Maradona foram fantásticos, cada um à sua maneira, mas precisamos considerar que nos tempos de Pelé os jogos eram bem mais lentos, as jogadas podiam ser mais bem armadas, isso sem desmerecer a genialidade daquele considerado o Rei do Futebol, e muito menos o cheirador de pó. Só não podemos nos esquecer de Rivelino, Gérson, Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates, Éder, Joãozinho, Palhinha, Reinaldo, Rivaldo e Cacá.

O que dizer de Ronaldinho Gaúcho? Ele fazia espetáculo, fazia mágica. Fingia que jogava bola. Aquilo para ele era uma diversão, ele era alegre, não brigava em campo, elogiava as jogadas dos adversários, pedia desculpas. As melhores jogadas que vi na vida foram feitas por Ronaldinho Gaúcho. Seria ele o melhor? E Romário. Deixaríamos o baixinho de fora?



Mas aí vão falar do Ronaldo fenômeno, o que se enganou com os travecos, que foi eleito não sei quantas vezes o melhor do mundo, e ele realmente foi muito bom, era difícil parar o cara, parecia um trator. Fazia jogadas geniais. Mas também teve o Roberto Carlos, não o cantor, mas aquele baixinho que tinha umas batatas das pernas monstruosas, que podia matar um jogador da barreira ou um goleiro com a potência do seu chute. Teve um desses gols, todo mundo deve lembrar, em que a bola passou à direita da barreira, parecia que ia para fora, mas vez uma curva doida e entrou no ângulo, deixando o goleiro paralisado.

E o Messi? Quem consegue parar essa criatura? Impossível! A bola parece estar colada nos seus pés, e ele vai levando todo mundo e parece desafiar as leis da gravidade, acertando a redonda nos lugares mais impossíveis. Alguém pode lembrar do Cristiano Ronaldo, mas o cara é tão mascarado que não conta. Tá bom, até joga uma bolinha legal, mas prefere ficar fazendo pose no campo e já perdeu umas jogadas que nem a minha avó morta perderia.



Zico merece uma homenagem à parte. Eu era fã dele. Assistia todos os jogos do Flamengo e torcia como um flamenguista doente, só faltava colocar uma camisa rubro-negra, mesmo quando jogava contra o meu time. Era empolgante ver o Zico jogar. Mas também tinha o Bebeto, o Carpegiani, o Júnior. Que time!

E tem o Neymar, o menino Ney. Um moleque. Debochado, marrento, tira onda com todo mundo, irrita os adversários, e até tomou tapa na cara de vagaba. Um gênio, odiado por uns, amado por muitos. Joga de forma espetacular, e está entre os primeiros da lista, com louvor. Escolha você qual é o melhor.



Clodokill

Fernandes

Clodokill está de férias, mas o irmão dele, Clodomill, resolveu assumir o posto provisoriamente, com o risco de não querer mais sair, pois ele tem esse terrível defeito, desde a infância, quando resolvia subtrair os brinquedos do irmão, quatro anos mais velho, e escondia na fralda recheada para o outro não querer pegar de volta.

Essa rivalidade entre Clodomill e Clodokill é antiga, mas o nosso correspondente nunca teve a intenção de revidar aos ataques do irmão malicioso, que se dizia mais talentoso, mas nunca conseguiu provar. Mas nós, da Revista Bulunga, imbuídos no espírito de conciliação, resolvemos relevar, apenas durante este mês de abril, aproveitando as férias de nosso colunista internacional, para tratar de algum tema trivial.

Olá, meus amigos e amigas leitores, mas não venham me falar “amigues”, pois me recuso terminantemente a adotar uma linguagem cafona que essa gente pobre e desqualificada resolveu inventar, só para dizer que são bonzinhos e inclusivos, mas que não passam de uns bichos feios e ignorantes que só sabem ficar inventando besteiras exatamente porque são uns desocupados, enquanto eu tento ganhar a vida honestamente comercializando caviar beluga siberian e foie gras com data próxima ao vencimento e bebidas encomendadas no Paraguai para restaurantes de luxo. É claro que eu preferia ficar escrevendo colunas em revistas e jornais, mas se paga muito pouco nesta profissão, ou melhor, na maioria dos casos nem pagam, e eu tenho que me virar nos 30 para honrar o meu aluguel na Vieira Souto. Não é um fantástico apartamento, não tem vista, pois é virado para os fundos, e tem menos de 70 metros quadrados, muito menos, bota menos ainda, mas na hora de espalhar o cartão de visitas, o endereço pesa bastante, pois vivemos em um mundo de aparências, onde dinheiro chama dinheiro, e na falta dele todo mundo corre da gente. Ando em carro alugado, alugo roupas para ir a festas, parcelo, peço prazo, faço permutas, mas não deixo de ficar em evidência porque senão me esquecem. O momento é de “baixa”, por isso os malabarismos para saldar as minhas dívidas, mas devo, não nego e pago quando puder, foi um ex-presidente fardado que disse isso, e resolvi imitar. Parece que o dinheiro saiu de circulação. Dia desses, um vídeo viralizou, mostrando a Rua 25 de março praticamente vazia, mas não sei se é verdade, parece que é, e isso é aterrorizante, pois essas bugigangas vendidas por aqueles vendedores chatos que

ficam gritando no ouvido da gente, a maioria dos produtos vindos da China, movimentam o mercado, pois tem pasteleiro da região que depende disso, vendedores de cachorro-quente, motoristas de táxi e Uber que levam o povão da rodoviária até lá, e até mesmo as prostitutas, que atendem a clientela nos pardieiros da região, todo mundo dependente daquele comércio infernal que agora é afetado pela crise. Na verdade, a crise atinge todas as classes, menos a de Brasília, é claro. As prostitutas de lá não tem o que reclamar, apesar da concorrência desleal exercida pelas mães dos políticos, que insistem em disputar com as garotas de programa mais novas, mas até nessa hora os filhos interferem para que não tenham que arcar com pensão para as velhas. Um verdadeiro absurdo que só acontece aqui, neste Brasil, onde nem as tias merecem o devido respeito. O Brasil virou uma babunça sem tamanho, principalmente depois dessa onda de liberdade de gênero, pois uma noite eu estava dançando em uma boate que fica ali na Zona Sul, e aí tinha uma loura maravilhosa dançando no meio do salão, parecia uma deusa, e é claro que cheguei junto, pois nunca tive muito constrangimento para essas coisas, apesar de não ser nenhum Alain Delon quando novo, mas consigo passar no teste depois da terceira caipirinha. Mas aí fui dançando e me engraçando com a garota, até que pintou um clima e fomos para um canto e começamos a nos beijar. Só sei que um monte de gente ficou olhando para nós com uma cara de reprovação, e pensei, “invejosos”, e continuei mandando bala, até que senti um volume na altura da minha perna direita, e aí resolvi perguntar para a garota se ela tinha um Halls para me dar e ela respondeu com uma voz que era bem mais grave do que eu esperava, e só aí perguntei o seu nome e ela respondeu sem titubear: “Roberto”. Dei uma disfarçada legal, falei que ia no banheiro e consegui sair escondido pelos fundos, e foi até bom porque não precisei pagar a conta, mas foi melhor assim do que reclamar o estelionato, pois hoje em dia quem fala mal dessa nova espécie híbrida acaba pegando uma cana feia, e aí deixei pra lá, mas espero que ninguém conhecido tenha me visto na boate, ou vou pegar uma fama de esgrimista. A partir de então tomo o maior cuidado quando vou me aventurar na balada, e discretamente já levo a mão lá embaixo, finjo que vou amarrar o sapato e tropeço, ou alguma coisa assim. Isso pode até causar um mal-estar, mas é melhor do que levar gato por lebre, ou melhor, por coelho. Com cenourão e tudo. Tô fora! Mas a questão é essa, estou só substituindo o meu irmão, que é gente muito boa, mas a gente tem umas divergências de vez em quando, coisa de irmãos, mas gostei muito de escrever para esses leitores que nem conheço, e talvez nem venha a conhecer, pois a atividade do escritor é assim mesmo, uma coisa solitária e quase onanista, e assim vou me acostumando com essas coisas, pois não dá para lutar contra um sistema maluco que vai dominando tudo.

SPOILLERS

Este filme de 2018 está fazendo sucesso na NETFLIX, mas que já arrecadou a maior grana nos cinemas ao redor do mundo, tendo sido produzido por 4 milhões de dólares e arrecadado 225 milhões, o que impõe certo respeito. Dirigido por John Peele, ganhador do Oscar de melhor Roteiro Original, é estrelado por Daniel

Kaluuya, no papel de Chris, que encarna o papel de um jovem afro-americano que namora uma menina branca (Allison Willians), com quem vai visitar a elegante casa de campo da família dela. Fica aquela questão inicial de que ele será ou não bem recebido pela família, por conta do romance interracial. A família é formada, além da namorada, pelo pai, um renomado cirurgião, a mãe, uma badalada psiquiatra, além de um irmão esquisito, mas a coisa começa relativamente bem, até que vão chegando os estranhos convidados para uma festa. A mãe da menina resolve realizar uma hipnose involuntária no rapaz, utilizando uma colher e uma xícara de chá, para que, aparentemente, ele deixasse o vício em cigarro, mas a situação começa a desandar a partir daí.



Existem dois empregados afrodescendentes que se portam de forma esquisita e também um convidado cor de chocolate que surta quando o protagonista resolve tirar uma foto dele com flash, com direito a um filete de sangue saindo de uma das narinas. Esqueci de dizer que o filme começa com um rapaz negro é sequestrado enquanto caminhava à noite em um bairro de classe média alta, e esse rapaz é o que aparece depois, todo esquisito, e surta com o flash do celular.

Chris continua observando a esquisitice do povo daquela festa, sem perceber que está sendo sorteado em um bingo promovido pelo pai da moça, e quem vence é um convidado cego que até parecia ser gente boa, e que momentos antes havia conversado com o rapaz. Mas ele encontra em uma caixa (providencialmente esquecida em local visível) diversas fotos da namorada com outros rapazes



negros, inclusive o empregado e a empregada da casa, e assim ele entende que ela é quem atrai as vítimas e ele será o próximo pato, e assim resolve ir embora no meio da noite, mas a família aparece e as verdadeiras intenções se revelam, mas a hipnóloga só dá uma raspadinha com a colher na xícara para o rapaz desabar, acordando tempos depois amarrado a uma cadeira.

Antes disso, porém, havia trocado uma idéia com um amigo que trabalhava no policiamento de um aeroporto, e ele já estava desconfiado desse namoro, e é claro que será ele o responsável pelo seu resgate, ao final.

A jogada do pai da garota era transferir parte do cérebro do rapaz para o cara cego, para que o outro recuperasse a visão, assim como fez com os dois empregados, que com isso ficaram meio zumbis. Mas o rapaz consegue se safar na hora em que seria levado para a cirurgia, matando o irmão, o pai e a mãe da namorada, deixando a garota livre para mais tarde tentar matá-lo, para dar um clímax, como sempre ocorre em filmes do tipo.

No meio da fuga, acaba atropelando a empregada esquisita, mas aí chega o outro empregado esquisito, com o qual se atraca, mas Chris se lembra de acionar o flash na cara dele e ele fica ainda mais esquisito, de uma forma diferente. Logo chega a namorada apontando um rifle para ele, mas o empregado pede que passe a arma, o que ela faz, para depois tomar um tiro no bucho, e o empregado se mata em seguida. E aí chega o amigo do Chris, para levá-lo embora de carro.

Fico imaginando se fosse na vida real, como o rapaz iria explicar porque matou aquele monte de gente, pois não havia nada que comprovasse essa história maluca envolvendo hipnose e operações cerebrais. Na melhor das hipóteses, pegaria uma cana brava.

O roteiro não é tão original, nem tão bom assim. Se fôssemos pensar, o pai dessa moça e também a mãe não precisariam fazer essa papagaiada toda de sequestrar uns afros, para vendê-los para clientes ricos, pois ganhariam bilhões fazendo suas operações e hipnoses sem o risco de caírem nas garras da polícia. De bom mesmo só o trabalho do ator Daniel. Mas ainda assim, CORRA deste filme.

Michel Salomão

CARROS BONITOS, PORÉM ORDINÁRIOS

O Brasil é um país esquisito. De acordo com a Ministra Marina Silva, que também é esquisita, mais de 120 milhões de brasileiros passam fome, mas o que a gente mais vê pelas ruas são carrões maravilhosos desfilando, cujos donos devem ser os quase 100 milhões restantes que não passam fome.

Mas nem tudo são flores: apesar de bonitos, muitos desses carros trazem para os seus donos situações de desespero, quando se arrependem de ter comprado essas encrencas, que, em muitos casos, encalham nas garagens, porque ninguém aceita ficar com essa batata quente.

As marcas e modelos que vamos mencionar neste artigo foram mencionadas em pesquisa divulgada pela JD Power, nos Estados Unidos, um dos maiores produtores e consumidores de veículos automotivos do mundo. Se lá a coisa está ruim, imagine aqui.



1) Jeep Compass

Entre outros problemas graves registrados em sites e revistas especializadas, o carro costava dar uma pane geral em movimento, e aí os freios travavam e o resultado pode ser fatal. Além disso, tem também o problema do excessivo consumo de combustíveis, falhas nos sensores de estacionamento, no alternador, no trocador de calor de transmissão, defeito na injeção eletrônica, barulhos na caixa de câmbio, perda de estabilidade durante paradas bruscas, ruído excessivo nos freios, nos amortecedores e no motor e falhas recorrentes na parte elétrica, na central multimídia e no sistema de ar condicionado. E ainda assim o povo compra, porque é bonito.

2) Carros da Land Rover e da Jaguar, em geral

Não há dúvida que os carros dessas marcas são bonitos e confortáveis. Para quem compra, é um símbolo de status, a pessoa mostra que venceu na vida (mesmo que a coisa não esteja tão boa assim). Mas depois que o controle das duas empresas passou para a indiana Tata Motors, a qualidade degradingou, pois parece que eles levaram para a linha de montagem o mesmo cuidado que os cozinheiros de rua daquele país preparam os seus alimentos. Não é questão de xenofobia, mas a cultura daquele povo é meio avacalhada. Se não fosse, suas principais cidades não seriam aquela bagunça que a gente vê nos vídeos exibidos na tv e na internet.

Riscos de incêndio, por falhas elétricas observadas no sistema de controle de bateria, falta de peças, além da manutenção caríssima. Comprar um desses modelos pode ser um mico, pois grande parte deles custam mais de 500 mil reais, e depois de rodar um ano ou dois, na hora de vender não vai conseguir o suficiente para comprar um Volkswagen Polo.



3) Alguns modelos da Mercedes-Benz e da BMW

O sonho de consumo de muita gente se concentra nessas duas marcas, mas é preciso ter cuidado, porque alguns modelos podem trazer dor de cabeça, principalmente na hora da reposição de peças, porque está redondamente enganado quem pensa que não se desgastam pois, em alguns casos, isso ocorre prematuramente, como determinados componentes do motor, em função de nossa gasolina “batizada”, além das péssimas condições do “capeamento” das ruas brasileiras. Ou seja: não são carros para nós, brasileiros.

Em alguns carros da BMW são registrados problemas frequentes em bombas de gasolina, componentes eletrônicos, vedação do filtro de óleo, falha nos faróis, entre outros.

Já os Mercedes-Bens não é incomum encontrarmos problemas no sistema de suspensão (não preparadas para os nossos terrenos), transmissão, ferrugem prematura, falhas na ignição do motor, entre pequenos outros.



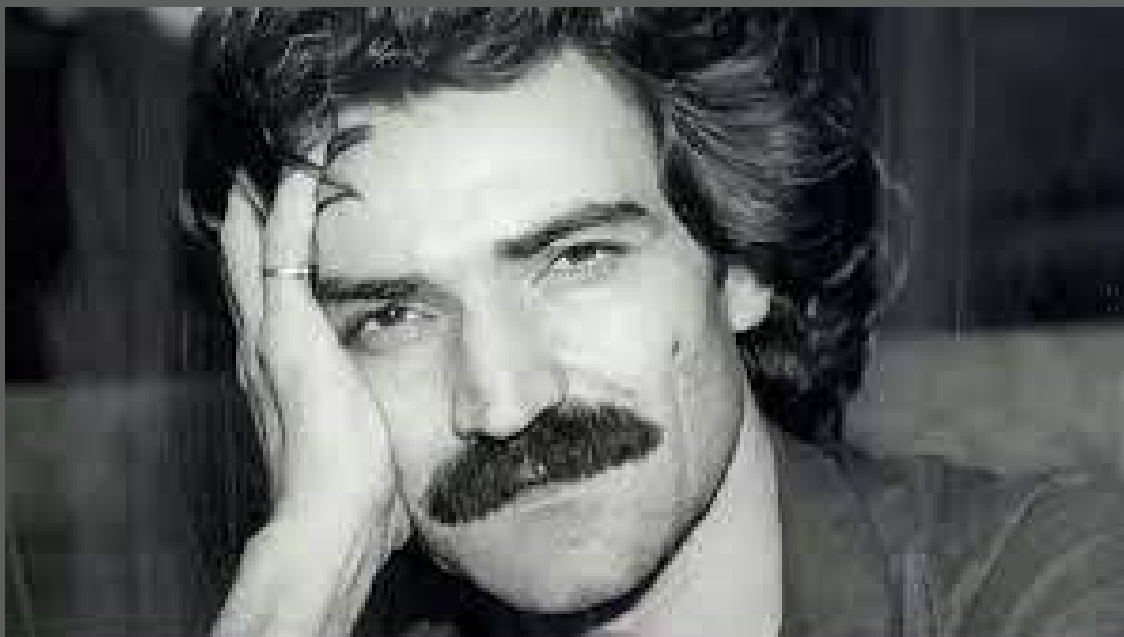
4) Modelos da FIAT em geral

A fábrica italiana se estabeleceu em Betim no final dos anos 1970 e causou uma revolução na indústria nacional, com o seu modelo 147, que era uma espécie de Fusca quadrado, e depois veio o Pálio, que foi um fenômeno de vendas, pois trazia um design diferenciado e um interior luxuoso para a época, o que muito agradou ao público. Mas também teve os micos, entre eles o Tipo, o Tempra, o Marea, o Lína, teve também o câmbio Dualogic de vários modelos mais recentes e a herança que está levando para o grupo Stelantis, para as marcas Jeep (vide acima), Chrysler, Peugeot, Citroën e outras, sendo que as duas últimas são velhas conhecidas do público, com seus reiterados problemas na suspensão e outros componentes frágeis, que envolvem muita manutenção pós-venda. Atualmente, aposta em modelos como Fastback, que é uma cópia descarada da BMW X6, mas tempos que esperar para ver se presta.



O QUE ACONTECEU COM BELCHIOR?

Antônio Carlos Belchior, nascido em Sobral, no Ceará, em 1946, e faleceu em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, em 2017. Tinha uma voz meio fanhosa, que parecia engasgada na garganta, naqueles longínquos tempos de ditadura militar, quando aquele "rapaz latino-americano e sem dinheiro no banco, sem parentes importantes e vindo do interior" aportou em São Paulo para tentar vencer na vida. E venceu. Belchior foi um dos mais aclamados cantores e compositores de sua época, com sucessos como "Apenas um Rapaz Latino-Americano", "Como Nossos Pais", "Divina Comédia Humana", "Alucinação", "A Palo Seco", "Fotografia 3 x 4", "Comentário a Respeito de John", "Medo de Avião", "Coração Selvagem", "Paralelas", "Galos, Noites e Quintais", "Sujeito de Sorte", "Velha Roupas Coloridas", dentre muitas outras.



Poderíamos destacar alguns trechos de rara inspiração, que fizeram refletir a geração daquela época, e que nos dias de hoje volta a conquistar um público jovem, que busca um novo sentido filosófico para a vida, nestes tempos de absoluto vazio:

"Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais".
(Como Nossos Pais)

"Meu bem, talvez você possa compreender a minha solidão
O meu som e a minha fúria, e essa pressa de viver
E esse jeito de deixar sempre de lado a certeza
E arriscar tudo de novo com paixão
Andar caminho errado pela simples alegria de ser".
(Coração Selvagem)

O mal que a força sempre faz
Não sou feliz, mas não sou mudo
Hoje eu canto muito mais".
(Galos, Noites e Quintais)

Fortemente influenciado por Bob Dylan, com o seu jeito de "cantar histórias", veio dar voz a um povo oprimido que, às custas de muito sofrimento, desenvolveu a capacidade de questionar os problemas comuns a todos os países subdesenvolvidos.

Enrolado com diversos problemas com a justiça, com a falta de pagamento de pensões de filhos e ex-mulheres, Belchior desapareceu do meio artístico após se casar com Edna Prometheus e com ela sair totalmente de cena, até que foi visto no Uruguai, depois de uma longa ausência, onde deixou o hotel em que estava com o seus pertences e sem pagar a conta e, por último, no Rio Grande do Sul, onde veio a falecer após passar por severas dificuldades financeiras, chegando a morar de favor e a depender de doações. Um gênio, certamente, mas também um inadaptado.

A sociedade que tanto criticou acabou, finalmente, por aniquilá-lo.

curiosidades MUITO CURIOSAS

"O cérebro humano é formado por, aproximadamente, **75% de água**."

"Na Holanda, estima-se que o número de bicicletas ultrapasse três vezes o número de veículos."

O menor país do mundo é o Vaticano, com cerca de 800 habitantes oficiais."

"A Terra orbita o Sol a uma velocidade de, aproximadamente, 107 mil km/h."

"Os mosquitos são os animais mais letais do mundo, causando mais mortes humanas do que todas as guerras da história. Esses seres vivos matam cerca de 725 mil humanos anualmente."

"A palavra "brasil" significa "vermelho como brasa"."

"Das 30 cidades mais violentas do mundo, 12 estão localizadas no Brasil."

"Não foram escravos que construíram as pirâmides do Egito, mas camponeses recrutados, em troca de comida e bebida."

"Os Vikings foram os primeiros europeus a pisarem no continente americano, **500 anos antes dos espanhóis**."

"O homem mais alto da história foi o norte-americano Robert Wadlow, que em 27 de junho de 1940 **mediu 2,72m e calçava 76**."

"O dia tem, aproximadamente, 23 horas e 56 minutos, não 24 horas. Por isso, a cada quatro anos, adicionamos um dia ao mês de fevereiro. Esses anos são chamados de bissextos."

"O animal mais venenoso do mundo é o Caracol-do-Cone, que habita a costa australiana."

"A cor original da Torre Eiffel era vermelha, o que era

odiado pelos moradores de Paris, tendo sido pintada 19 vezes desde sua inauguração, há mais de 130 anos."

"Logo após a morte de Leonardo da Vinci, a Mona Lisa virou decoração para **o banheiro do Rei Francisco I**."

"O Japão possui vários sabores de sorvete curiosos, como o de **enguia**."

"Todos os planetas do Sistema Solar têm nome de deuses, com exceção da Terra."

"O notório Papa Gregório IV certa vez afirmou que os gatos pretos eram instrumentos de Satanás e ordenou seu extermínio em toda a Europa. Ironicamente, a redução dramática na população de gatos durante o século XIII estava entre os fatores que levaram a um aumento de ratos portadores da peste, levando à Peste Negra."

"Antes de se tornar presidente, Abraham Lincoln foi campeão de wrestling, participando de cerca de 300 lutas. Ele tinha a reputação de ser um lutador muito duro."



O DIA DA MENTIRA

Também conhecido como o dia dos bobos ou dos tolos, é uma data comemorada em alguns países do ocidente, principalmente na Europa, onde surgiu, mais especificamente na França, após a adoção do calendário gregoriano, quando o povo daquele país se rebelou contra essa mudança, visto que o Ano Novo, até então, era festejado em 25 de março, data que marcava a entrada da primavera, e as comemorações se estendiam até 1º de abril, e a partir de então ficariam sem a farra. Assim, utilizando uma forma de deboche, começaram a inventar falsas notícias para essa data, o que acabou se espalhando para outros países.

No Brasil não existe a comemoração do 1º de abril, pois todo dia é dia da mentira. Basta abrir os jornais, para se verificarem as mais tendenciosas notícias, geralmente, usadas para atacar a reputação de algum opositor ao governo, sendo severamente punidas as “fake news” supostamente espalhadas por opositores, mas que, na maioria das vezes, são criadas pelos próprios simpatizantes ao governo.



CARROS DO FUTURO

Pelo andar da carruagem, podemos prever que os carros do futuro serão movidos a tração animal. Parece que essa escolha dos carros elétricos não vai dar em boa coisa, visto que a nova tecnologia se mostra ainda mais onerosa e poluente do que a até então vigente, de origem fóssil ou vegetal, pois utiliza elementos caríssimos e devastadores do ambiente, em decorrência da extração mineral. O problema é que, depois adotada essa tecnologia em grande escala, não dará tempo para voltar à anterior, e assim veremos essas verdadeiras espaçonaves serem arrastadas pelas ruas e estradas por quadrúpedes.

Para se ter uma ideia, as baterias dos carros da Tesla (conforme notícias recentes em jornais de grande circulação) são praticamente “coladas” no chassi, assim como ocorre nos smartphones, o que torna o carro descartável, ao final de seu ciclo, que normalmente dura 5 anos. Pode até ser que inventem alternativa até lá, mas o fato é que a bateria de um carro elétrico é tão cara que inviabiliza a sua troca, isso sem contar que em alguns carros como os da Volvo, pequenas avarias na parte inferior (rampas, pedregulhos, etc.), fazem com que as baterias sejam prematuramente substituídas, o que pode significar perda total para o veículo.

Também não sabemos se conseguirão ampliar em tempo hábil os postos de recarga, e se os usuários terão paciência para esperarem por horas a recarga de seus veículos, principalmente se considerarmos a possibilidade de longas filas de espera.

CONVERSA DE CRENTE

por Michel Salomão

Vou ter que retomar este assunto, por necessidade, sobre gente que acha um absurdo esse negócio de ter que amar a Deus acima de todas as coisas, como está na Bíblia, pois pensa que já é esquisito amar quem não conhece, ainda mais quando se trata de um ser invisível.

Mas essas pessoas não sabem que amar, no sentido bíblico, significa acreditar (que Ele existe), confiar, seguir, respeitar, obedecer. Se conseguíssemos direcionar este sentimento ao próximo, não haveria conflitos, mas somente paz, e assim nem precisaríamos nos preocupar com as vedações determinadas pelos Dez Mandamentos e pelas demais leis repassadas por Moisés, pois simplesmente não as infringiríamos.

Existe um Criador (no qual muita gente não acredita) que, de tempos em tempos, se manifesta e faz interferências neste mundo, quando Ele quer, pois não está por nossa conta e nem sob nossas ordens. Seria um absurdo imaginar que somos frutos do acaso, do encontro desordenado de matéria orgânica que resultou neste ser pensante e altamente destrutivo que habita o único planeta com vida "inteligente" do Universo, e que teria sido o responsável pela criação de seu próprio Deus.

Contudo, essas mesmas pessoas conseguem adorar ídolos que molestam criancinhas, a exemplo daquele que ficava apertando o próprio pipiu e que dava gritinhos, mas se recusam a glorificar um Deus que é verdadeiro.

Existe um mundo sobrenatural, espiritual, que, por ser inexplicável, dá margem à criação das mais absurdas teorias acerca de almas penadas, fantasmas, de espíritos que retornam ao corpo por incontáveis vezes, dando origem a superstições e rituais extravagantes.

Mas voltando ao tema central, nosso amor egoísta exige uma reciprocidade, até mesmo de Deus, com o qual não nos comunicamos porque estamos surdos e bloqueados, e assim decidimos que "se você não me ama, também não te amo".

Alguns espertalhões interpretam o mandamento acerca de "amar uns aos outros" como uma carta branca para as práticas da libertinagem, entendendo que podem fazer sexo com tudo o que se move sobre a terra, e também sob as águas, confundindo um sentimento puro e fraternal com a mais precária manifestação hormonal, cujo objetivo primordial seria a reprodução da espécie.

Máquina fotográfica/filmadora Sony SL3 pouquíssimo usada. Possui saída para microfone externo P2. Vem com lente 18-55mm. Tenho outras duas lentes, vendidas à parte. Preço: R\$3.900,00.



POLO MSI 1.6, 2018, com 61 mil km, cor branca, sem retoques, pneus novos, bancos e volante de couro, único dono e revisões em dia. Aceito trocas. Valor R\$59 mil.



Iluminadores em LED para filmadoras e câmeras fotográficas. Acompanham tripés. R\$480,00 o par



Relógio masculino Tommy Hilfiger R\$800,00



Óculos de sol masculino Chilli Beans - R\$180,00



Óculos de sol / grau original Rayban, novo, dourado, lentes azuis. R\$580,00



Óculos de sol masculino estiloso - R\$180,00



Relógio masculino Breil Milano R\$680,00



Suporte para tablet (para usar em tripé) R\$120,00

CLASSIFICADOS



Tripé profissional para filmadora / câmera fotográfica. Altura 1,5m - R\$350,00



Pistola a gás, com esferas de aço de 4mm. A mais forte de todas. R\$800,00. Aceita trocas.



Câmera Sony antiga HX1 funcionando perfeitamente - 9mp - R\$380,00 aceita trocas



Lente original Canon 55 - 250mm - R\$2.100,00



Lente original Canon 50mm - R\$520,00



Relógio masculino Manoel Bernardes R\$780,00



Violão Yamaha acompanha capa e tripé - R\$880,00



Relógio masculino Empório Armani R\$550,00



Relógio masculino Fossil - R\$850,00



Óculos de sol Rayban, lente verde. R\$180,00

GOSTOU? ENTRE EM CONTATO COM

revistabulunga@gmail.com

informe nome, telefone e objeto de interesse e o vendedor entrará em contato

PIADAS CURTAS

PARA RIR OU CHORAR



**O Brasil é um país
democrático**

HA
HA

**As nossas Instituições são
confiáveis**

**Os políticos brasileiros são
honestos**



**O povo vai ter picanha
no prato para comer**

**O salário mínimo vai aumentar
acima da inflação**



**Os preços dos combustíveis
vão baixar**

**Quem ganha abaixo de 5 mil reais
não vai precisar pagar
imposto de renda**

